

## **A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?<sup>1</sup>**

João Costa e Maria Lobo  
Universidade Nova de Lisboa

### **Introdução**

Este trabalho tem por objectivo contribuir para os estudos que têm sido feitos sobre aquisição de clíticos, averiguando se as crianças portuguesas omitem clíticos acusativos.

De acordo com estudos anteriores feitos para outras línguas (cf. Tsakali & Wexler, 2003; Wexler, Gavarró & Torrens, 2003; Babyonyshev & Marin, 2003), a omissão de clíticos objecto em fases iniciais de aquisição é esperada em línguas que manifestam concordância de participio passado. Assim, de acordo com os estudos referidos, na aquisição do espanhol e do grego, línguas em que não há concordância do participio passado, os clíticos são produzidos desde cedo; pelo contrário, na aquisição do italiano e do catalão, línguas em que há concordância do participio passado com o objecto, os clíticos são omitidos até aos 3 anos de idade. De acordo com os mesmos estudos, existe uma correlação entre a idade em que os clíticos começam a ser produzidos e a idade em que desaparecem os infinitivos raiz.

Como é sabido, o PE não manifesta concordância de participio passado (nos tempos compostos):

- (1) a. O Pedro já os tem lido  
b. \*O Pedro já os tem lidos.<sup>2</sup>

Por conseguinte, se a correlação encontrada para outras línguas for válida, não se espera que as crianças portuguesas omitam clíticos objecto.

Contudo, o PE tem a particularidade de dispor da construção de objecto nulo (Raposo, 1986):

- (2) a. Tirei os óculos da gaveta e pus [ ] no bolso.

---

<sup>1</sup> Este trabalho insere-se no Projecto POCI/LIN/57377/2004 financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

<sup>2</sup> Esta frase é gramatical se se tratar de uma outra construção em que *ter* selecciona uma oração pequena.

## b. Tirei os óculos da gaveta e pu-los no bolso.

Dada a disponibilidade da construção de objecto nulo, se as crianças portuguesas omitirem clíticos, podem estar a utilizar uma estratégia da língua-alvo, produzindo objectos nulos. Torna-se, assim, relevante encontrar critérios que permitam distinguir uma omissão de clítico (típica da linguagem infantil) de uma produção adulta de objecto nulo.

É sabido que existem restrições à distribuição de objectos nulos – os objectos nulos não são permitidos em contextos de ilhas fortes, nomeadamente em orações adverbiais e relativas (cf. Raposo, 1986):

- (3) A – E a Maria?  
B – O Pedro está triste porque o Zé \*(a) beijou.

Assim sendo, torna-se necessário testar contextos de ilhas fortes na produção das crianças, de forma a excluir a possibilidade de as crianças estarem a produzir objectos nulos nos restantes contextos, o que é gramatical na língua-alvo.

Um outro problema colocado especificamente pelo PE relaciona-se com a colocação de clíticos. Tsakali & Wexler (2003), Wexler, Gavarró & Torrens (2003) e Babyonyshev & Marin (2005) mostram, à semelhança do que se encontra relatado noutros estudos, que, nas línguas que analisam, não há problemas de má colocação de clíticos. As crianças colocam os clíticos em ênclise ou em próclise nos contextos adequados, i.e. de acordo com a finitude da oração.

Em PE, no entanto, como é sabido, em orações finitas os clíticos podem ser enclíticos ou proclíticos em diferentes contextos sintácticos (cf. Duarte e Matos 2000, e.o.). A próclise é desencadeada em contextos de negação, com alguns advérbios, com alguns sujeitos quantificados, e quando CP está preenchido (e.g. em completivas, relativas, interrogativas parciais). A ênclise encontra-se nos restantes contextos.

Ao contrário do que está relatado para outras línguas, em PE há registo de má colocação de clíticos: de acordo com Duarte & Matos (2000), as crianças tendem a generalizar a ênclise.

Conjugando a omissão de clíticos com a construção de objecto nulo, à partida podemos obter quatro resultados diferentes:

1. As crianças não omitem clíticos, mas têm objectos nulos. Este resultado estaria de acordo com as predições feitas por estudos anteriores. Neste caso, espera-se que, em contextos de ilha, surjam apenas clíticos.
2. As crianças não omitem clíticos e não têm objectos nulos. Mais uma vez, este resultado estaria conforme às predições. Neste caso, espera-se que ocorram clíticos em todos os contextos.
3. As crianças omitem clíticos e têm a construção de objecto nulo. Isto contrariaria as predições feitas. Neste caso, espera-se encontrar formas nulas em todos os contextos.

4. As crianças omitem clíticos e não têm a construção de objecto nulo. Tal como em 3., as predições são contrariadas e espera-se formas nulas em todos os contextos, uma vez que a omissão de clíticos é menos restrita sintacticamente do que a construção de objecto nulo.

## 2. Descrição da experiência

A experiência consistiu numa tarefa de elicitación, baseada em Schaeffer (1997).

Tendo em conta as especificidades do português referidas na introdução (posição variável de clíticos e disponibilidade de objecto nulo), foram testadas as seguintes condições:

1. produção de clíticos em contextos de ênclise em frases declarativas
2. produção de clíticos em contextos de próclise (negação e interrogativas)
3. produção de clíticos em contextos de ilhas

Foram testados 3 itens em cada condição.

Para além disso, foi conduzida uma tarefa de repetição de 4 frases com clíticos em próclise. Esta tarefa de repetição foi incluída, uma vez que se verificou ser mais difícil elicitar clíticos em próclise do que em ênclise. Em princípio, conseguir-se-ia, deste modo, aumentar o número de casos de proclíticos.

Participaram na experiência 21 crianças dos 2 aos 4 anos (idade média 3;10) e 6 adultos, que constituíram o grupo de controlo<sup>3</sup>. As crianças foram divididas em dois grupos (2-3 anos e 4 anos), uma vez que estudos anteriores mostram que existem efeitos de desenvolvimento na aquisição dos clíticos.

A tarefa de elicitación consistiu numa representação feita com bonecos em que se contava uma história à criança. Um fantoche dava uma continuação errada para a história, que a criança tinha de corrigir ou então era pedido à criança que ajudasse o fantoche fazendo uma pergunta aos bonecos.

O contexto favorecia a produção de clíticos e não de DPs: o objecto era conhecido e era mencionado imediatamente antes.

Foram incluídos clíticos objecto masculinos e femininos. Procurou-se utilizar apenas clíticos de 3ª pessoa, embora num dos itens de teste, se tenha elicitado um clítico de 2ª pessoa, uma vez que se pedia uma interacção entre a criança e o fantoche, que favorecia um clítico especificado para pessoa.

Os testes consistiam, como já foi referido, em pequenas situações em que o elemento a ser pronominalizado se tornava bastante saliente do ponto de vista discursivo, favorecendo a sua omissão ou pronominalização (conforme o contexto). Estes testes são exemplificados a seguir:

---

<sup>3</sup> As crianças testadas frequentam o Centro Social da Quinta do Anjo. Os adultos do grupo de controlo são estudantes universitários de licenciatura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

**Exemplo de teste para a condição 1 – ênclise**

*Experimentador 1:*

– Olha! Está aqui o urso Pooh. Ele hoje encontrou o tigre e achou que o tigre estava muito despenteado... Ah! Ele tem uma escova! Olha para o que o Pooh fez ao tigre!

*Fantoche:*

– Eu sei! Ele lavou o tigre!

*Experimentador 1:*

– Não... não lavou nada! Diz-lhe lá o que o Pooh fez ao tigre!

RESPOSTA ESPERADA:

Penteou(-o)

**Exemplo de teste para condição 2 – próclise**

*Experimentador 1:*

– O Pooh está a tentar pentear a princesa.

*Fantoche:*

– Eu não quero dizer mais asneiras! Não sei se ele já penteou a princesa...

*Experimentador 1:*

– Pergunta lá ao Pooh se ele já penteou a princesa!

RESPOSTA ESPERADA:

Já (a) penteaste?

Para a condição de objecto nulo, em que o pronome é elicitado no interior de uma ilha forte, a criança era levada a concluir uma frase. Assim, a estratégia de elicitación era diferente, não se solicitando à criança a produção de toda a frase. Esta diferença explica-se pelo facto de tal pedido poder conduzir a ineficiência por parte das crianças, uma vez que a produção de uma frase seguida de um contexto de ilha forte acarretaria um esforço grande para a criança e um enunciado com uma extensão bastante grande.

**Exemplo de teste para condição 3 – objecto nulo**

*Experimentador 1:*

– O Pooh ficou todo contente quando cheirou aquele bolo..

*Fantoches:*

– Ele ficou todo contente quando comeu aquele bolo!

*Experimentador 1:*

– Não foi nada... Não foi quando comeu o bolo... Diz lá ao fantoche: o Pooh ficou contente quando fez o quê ao bolo? Ele ficou contente quando...

RESPOSTA ESPERADA:

o cheirou

**3. Resultados da experiência**

Obtiveram-se os seguintes resultados:

**3.1. Resultados do grupo de controlo**

Os resultados obtidos para o grupo de controlo na tarefa de elicitación estão resumidos na seguinte tabela:

	condição 1 (ênclise)		condição 2 (próclise)		condição 3 (ilhas)	
clítico	8/18	44,44%	12/18	66,66%	16/18	88,88%
DP	1/18	5,55%	2/18	11,1%	2/18	11,11%
forma nula	9/18	50%	4/18	22,2%	0/18	0%
pron. forte	0/18	0%	0/18	0%	0/18	0%

Na tarefa de repetição, envolvendo próclise, o grupo de controlo realizou a próclise em 100% dos casos (24/24).

**3.2. Resultados do grupo dos 2-3 anos**

Para o grupo etário dos 2-3 anos, obtiveram-se os seguintes resultados na tarefa de elicitación:

	condição 1 (ênclise)		condição 2 (próclise)		condição 3 (ilhas)	
clítico	3/41	7,31%	5/39	12,82%	1/43	2,32%
DP	8/41	19,5%	6/39	15,38%	24/43	55,81%
forma nula	28/41	68,29%	28/39	71,79%	18/43	41,86%
pron. forte	2/41	4,87%	0/39	0%	0/43	0%

Na tarefa de repetição, envolvendo próclise, obtiveram-se os seguintes resultados:

clítico	25/54	46,2%
forma nula	29/54	53,7%

### 3.3. Resultados do grupo dos 4 anos

Para o grupo etário dos 4 anos, obtiveram-se os seguintes resultados na tarefa de elicitación:

	condição 1 (ênclise)		condição 2 (próclise)		condição 3 (ilhas)	
clítico	1/21	4,76%	5/22	22,72%	0/23	0%
DP	4/21	9,52%	2/22	9,09%	15/23	65,21%
forma nula	16/21	76,19%	15/22	68,18%	8/23	34,78%
pron. forte	0/21	0%	0/22	0%	0/23	0%

Na tarefa de repetição, envolvendo próclise, obtiveram-se os seguintes resultados:

clítico	21/28	75%
forma nula	7/28	25%

### 3.4. Síntese dos resultados

Dos resultados apresentados, podemos salientar os seguintes aspectos:

- Há muito poucos casos de produção de clíticos em ambos os grupos em todas as condições (10% de produção no grupo dos 2-3 anos e 13,95% no grupo dos 4 anos). Não se encontrou nenhum efeito de desenvolvimento.
- A taxa de produção de DPs é maior em contextos de ilha do que nas condições 1 e 2 (no grupo dos 2-3 anos, há 17,5% de DPs nas condições 1 e 2 e 55,81% de DPs em contextos de ilha; no grupo dos 4 anos, há 13,95% de DPs nas condições 1 e 2 e 65,21% de DPs em contextos de ilha)
- Uma parte significativa dos poucos clíticos produzidos estava mal colocada, contrariamente ao que se regista noutras línguas
- Houve maior produção de clíticos na tarefa de repetição do que na outra tarefa
- No grupo de controlo, a produção de clíticos foi muito maior do que a das crianças nas condições 1 e 2 (55,55%) e, nos contextos de ilha, os clíticos foram produzidos em 88,88% dos casos.

## 4. Discussão

No estudo que realizámos, verificou-se que a idade em que não há produção de clíticos é mais elevada do que o que foi encontrado nas línguas com omissão de clíticos. Este facto torna legítima a suposição de que em PE a natureza da omissão de clíticos é diferente.

Não se confirmou a predição de que o PE, não tendo concordância de participio passado, não teria omissão de clíticos.

Se a omissão de clíticos em PE fosse apenas o resultado da produção de objectos nulos tal como na língua-alvo, como foi defendido para o português do Brasil (cf. Lopes, 2003), deveriam aparecer clíticos em contextos de ilhas, e não deveria haver uma diferença significativa relativamente ao grupo de controlo nos resultados obtidos para as outras condições.

Uma vez que não há produção de clíticos em contextos de ilha, mas antes um aumento na produção de DPs, podemos tirar a seguinte conclusão: as crianças têm algum conhecimento quanto à distribuição de objectos nulos, e as crianças omitem de facto os clíticos. Caso contrário, não se esperaria encontrar formas nulas neste contexto. Assim, a taxa de omissão encontrada pode ser interpretada como o resultado da sobreposição de omissão de clíticos e de objectos nulos nas condições 1 e 2.

## 5. Análise

De acordo com Tsakali & Wexler (2003), a omissão de clíticos é uma consequência da *Unique Checking Constraint*, um princípio sujeito a maturação, segundo o qual um elemento não pode verificar mais do que um traço. Nos estudos referidos, considera-se que o clítico é gerado numa categoria funcional CIP, estando coindexado com uma forma pronominal nula que tem de verificar traço-D em AgrO e em CIP (cf. Sportiche, 1996; e.o.). Esta dupla verificação de traços, constituiria uma violação da *Unique Checking Constraint*, o que teria como resultado a omissão do clítico, em consequência de *Minimise Violations*.

Esta hipótese prevê que isto aconteça em línguas com redobro de clítico, uma vez que o clítico é um elemento funcional que pode ser retomado por uma forma nula ou por uma forma pronominal plena. A predição de que esta correlação se estabeleça apenas em línguas de redobro do clítico motiva-se, também, pelo facto de apenas nestas línguas ser legítimo supor que o clítico tem de verificar traços nas duas categorias funcionais referidas acima. Não sendo o PE uma língua com redobro de clítico, podemos admitir que os clíticos objecto do PE são argumentais, gerados numa posição argumental, contrariamente ao que é assumido para as outras línguas.

Se admitirmos que os clíticos objecto do PE são argumentais, tal como é geralmente assumido, eles terão de verificar Caso e qualquer que seja o traço que os atrai para o domínio de Infl. Por conseguinte, a verificação destes dois traços pode constituir uma violação da *Unique Checking Constraint*. Isto poderá explicar a omissão de clíticos apesar de não haver concordância de participio passado em PE.

Se esta hipótese explica que haja omissão, encontra, contudo, problemas em explicar por que é que a omissão de clíticos persiste até mais tarde do que noutras línguas. Em trabalho anterior (Costa & Lobo 2005), propusemos que a complexidade do sistema poderia explicar que a maturação da *Unique Checking Constraint* se desse mais tarde em português europeu. Contudo, esta é uma proposta altamente controversa, uma vez que a maturação de uma propriedade linguística deve ser independente da língua

particular em que os seus efeitos se reflectem. É, assim, necessário encontrar outra explicação para o facto de os clíticos serem omitidos até mais tarde em PE.

Como já foi referido, há factores de complexidade que fazem os clíticos em PE diferir dos de outras línguas. Em PE é preciso conjugar vários factores para adquirir os clíticos:

- a) perceber que clíticos e objectos nulos coexistem em alguns contextos
- b) aprender que objectos nulos não são permitidos em contextos de ilhas fortes
- c) aprender a colocação dos clíticos

Assim, as crianças portuguesas não terão de abandonar a omissão, mas sim individualizar os contextos em que a omissão (objecto nulo) está em distribuição complementar com a produção de clíticos, o que exige sensibilidade a contextos de ilha fortes.

A diferença significativa na produção de DPs em contextos de ilhas fortes comparativamente às outras condições mostra que as crianças testadas já revelam alguma sensibilidade às características particulares destes domínios.

Resumindo, há factores de complexidade que dificultam a aquisição para as crianças portuguesas. A complexidade deve-se a dois fenómenos distintos:

- i) a existência de objectos nulos;
- ii) a colocação de clíticos (o que explica a generalização da ênclise).

Propomos, assim, que haja dois factores possíveis para explicar a omissão de clíticos em diferentes línguas: a *Unique Checking Constraint* e complexidade. Se a responsável pela omissão for a *Unique Checking Constraint*, espera-se que a omissão de clíticos se resolva relativamente cedo e que se encontrem fenómenos relacionados com a omissão de clítico, como a concordância de participio passado ou os infinitivos raiz. Se a complexidade do sistema for a causa da omissão, espera-se que esta persista até tarde e que não haja necessariamente uma relação com fenómenos que envolvem verificação de traços.

Esta proposta pode explicar dados recolhidos para o francês por Hamman et al. (1996) e Jakubowicz & Rigaut (2000), que mostram que a omissão de clíticos nesta língua persiste até cerca dos 5 anos. Conforme predito pela nossa análise, nesta língua, existe uma forma nula que pode variar livremente com o clítico nos contextos relevantes (Tuller, 2005; & Cummins & Roberge, 2005).

## 6. Conclusão

Os resultados obtidos quanto à omissão de clíticos em PE parecem contradizer estudos anteriores para outras línguas. Propomos que a natureza da omissão em PE é distinta, relacionando-se com a complexidade do sistema que se manifesta na disponibilidade da construção de objecto nulo, nas suas restrições distribucionais e nas possibilidades de colocação dos clíticos.

De forma a compreender melhor o que está em causa quando as crianças omitem clíticos em PE, pretendemos desenvolver futuramente investigação que procure responder às seguintes questões:

- i) qual o comportamento das crianças relativamente a outro tipo de clíticos (e.g. clíticos dativos, clíticos reflexivos e clíticos não argumentais)?
- ii) em que idade é que a produção de clíticos passa a ser equivalente à dos adultos?

## Referências

- Babyonyshev, Maria e Stefania Marin (2005). The Acquisition of Object Clitic Constructions in Romanian. In *Theoretical and Experimental Approaches to Romance Linguistics*, Gess, Randall S. e Edward J. Rubin (eds.), pp. 21–40.
- Costa, J. e M. Lobo (2005). Clitic omission, null object or both in the acquisition of European Portuguese. Comunicação apresentada ao GALA 2005, Siena.
- Cummins, S. e Y. Roberge (2005) A Modular Account of Null Objects in French. *Syntax* 8.1, pp. 44-64.
- Duarte, I. e G. Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In Costa, J. (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford university Press, pp. 116-142.
- Hamman, C. et al. (1996). On the acquisition of subject and object clitics in French. In H. Clahsen (ed.) *Generative perspectives on language acquisition*. Amsterdam: Benjamins, pp. 309-333.
- Jakubowicz, C. & C. Rigaut (2000) L'acquisition des clitiques nominatifs et des clitiques objets en français. *Canadian Journal of Linguistics* 45(1/2), pp. 119-157.
- Lopes, Ruth (2003) The production of subject and object in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus*, Berlin, v. 15, n. 1, pp. 121-144.
- Raposo, E. P. (1986) On the Null Object Construction in European Portuguese. In Jaeggli e Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.
- Schaeffer, J. (1997) *Direct object scrambling in Dutch and Italian child language*, UCLA Dissertations in Linguistics, 17.
- Sportiche, Dominique (1996) Clitic Constructions. In J. Rooryck and L. Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, pp. 213-276.
- Tsakali, V. e K. Wexler (2003) Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek.
- Tuller, L. (2005). Comunicação apresentada à EUCLDIS Conference, Royaumont.
- Wexler, K., A. Gavarró e V. Torrens (2003) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse e B. Kampers-Manhe (eds.) *Selected Papers from Going Romance 2002*.